

ESQUEMAS IMAGÉTICOS E O DOMÍNIO DE CONTÊINER NO USO DA ESTRUTURA EM+A/O(S) EM PRODUÇÕES ESCRITAS DE SURDOS APRENDIZES DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

PETERSON SCHIMULFENING¹; MIRIAN ROSE BRUM-DE-PAULA²

¹*UFPel – profpeterson12@gmail.com*

²*UFPel – brumdepaula@yahoo.fr*

1. INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, tencionamos investigar o uso da preposição *em*, associada aos artigos definidos *a* e *o*, na língua portuguesa escrita de surdos, fundamentando-nos em uma perspectiva cognitivista. Pretendemos analisar produções escritas de graduandos e/ou graduados bilíngues de uma instituição de ensino superior. Tais participantes deverão ter adquirido a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como primeira língua e a Língua Portuguesa (LP), na modalidade escrita, como língua segunda. Acreditamos que compreender o processo de categorização da estrutura linguística selecionada - na interlíngua dos surdos - e a forma como ocorre o seu uso é importante para que possamos observar o modo como essa comunidade adquire e emprega essas palavras funcionais. Palavras funcionais - ou gramaticais - são adquiridas tardeamente por locutores sem distúrbios de fala (BASSANO, 2000). O surdo, consequentemente, encontrará uma maior dificuldade na sua aquisição e uso, pelo fato de não ter acesso ao *input* auditivo.

A análise parte de conceitos da Linguística Cognitiva, especialmente da teoria dos esquemas imagéticos (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987) e dos trabalhos sobre categorização, desenvolvidos por Rosch (1975; 1978)–. Objetivamos verificar (i) o modo como o surdo emprega a estrutura *em+a/o(s)* quando utiliza a língua portuguesa escrita, (ii) como ocorre a categorização dessa estrutura na língua portuguesa escrita de nativos ouvintes desse idioma e de surdos, nativos de LIBRAS, que adquiriram a LP escrita como língua estrangeira e (iii) se há transferência da LIBRAS para a LP escrita dos informantes surdos.

2. METODOLOGIA

A pesquisa contou com a participação de dois grupos de sujeitos, todos brasileiros nativos com nível escolar de graduação ou graduandos: o primeiro grupo foi constituído de dez (10) surdos que possuem a língua de sinais (LIBRAS) como língua materna (L1) e o segundo grupo formado de dez (10) ouvintes cuja língua materna é o PB. Os informantes ouvintes foram investigados para que pudéssemos propor uma comparação no uso da preposição *em*, contraída com os artigos *a* e *o* (*na* e *no*), procurando verificar como categorizam e empregam essas construções em textos escritos.

O instrumento criado a fim de obter os dados para esta pesquisa está dividido em três (3) partes. Trata-se de um documento em PowerPoint apresentado para os participantes da pesquisa juntamente com um material impresso no qual o informante responde às questões propostas.

A primeira parte do procedimento constitui-se em dispor, na tela de um notebook, cenários em que personagens ou objetos se encontram em locais específicos com o intuito de levar os participantes a produzirem respostas escritas que contenham a estrutura *na(s)/no(s)*. Os contextos nos quais a estrutura *em+a/o(s)* foi analisada partem do esquema imagético de CONTÊINER e foram divididos em dois conjuntos: inserção – total (contexto a) e parcial (contexto b) – e superfície – horizontal (contexto c) e vertical-horizontal (contexto d).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo, o Gráfico 1 apresenta a comparação entre as inadequações, as respostas fora de contexto e adequações nos contextos selecionados.

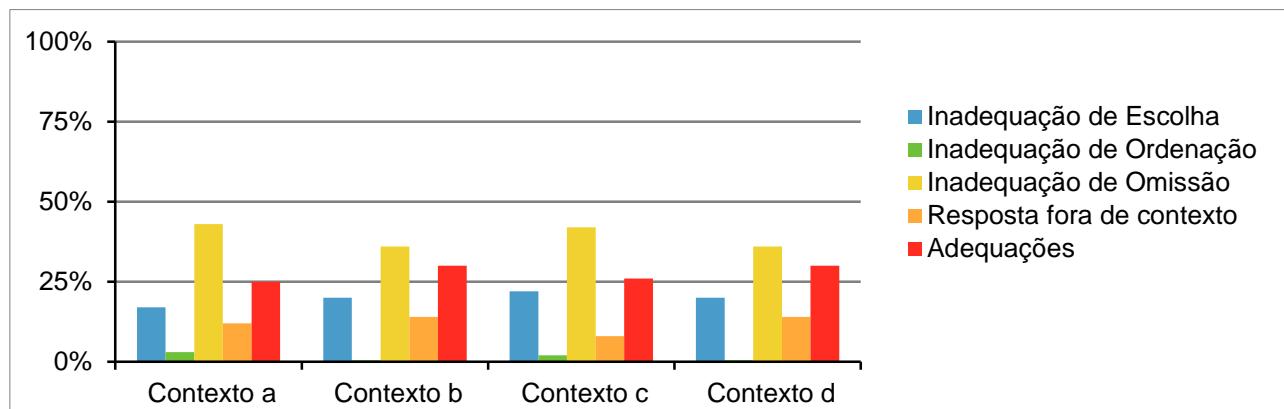


Gráfico 1: Contexto empregado X Inadequações X Respostas fora de contexto X Adequações

Os resultados obtidos indicam dificuldades no uso da estrutura foco do trabalho, mesmo em locutores surdos com nível universitário. Reinwein e Bastien

(1998), em pesquisa que comparou erros ocorridos na leitura de palavras plenas e funcionais, encontraram problemas de compreensão de palavras funcionais em diferentes populações de informantes: em adultos surdos, alunos do ensino fundamental e adultos ouvintes. Adultos universitários ouvintes; porém, erraram menos, enquanto que os dois outros grupos contabilizaram percentuais similares de erros. Palavras funcionais tendem a ser adquiridas tarde, comparadas a palavras plenas. Isso ocorre tanto na compreensão quanto na produção. Há, entre compreensão e produção, uma relação de causa e efeito, pois não compreender expressões ou itens lexicais específicos não levam à sua produção. Essa relação entre compreensão e produção ficou evidente nos resultados que obtivemos. De fato, como pode ser observado no Gráfico 1, os percentuais relativos a usos fora de contexto (em laranja), que indicam uma pouca compreensão da tarefa solicitada, foram elevados. Além disso, as omissões (em amarelo) ocorreram em todas as coletas, com percentuais que superaram a produção correta da estrutura investigada ou de qualquer outra que pudesse concorrer com ela (em vermelho).

4. CONCLUSÕES

No decorrer do estudo, analisamos o modo como o grupo constituído de surdos empregou a estrutura *em+a/o(s)* em quatro diferentes contextos: (i) contenção; (ii) dentro-fora; (iii) superfície horizontal; (iv) superfície vertical-horizontal. Todos esses esquemas são derivados do esquema imagético de *contêiner*. Assim, percebemos que o usuário da LIBRAS, quando necessita escrever em LP, sente dificuldades no emprego da estrutura alvo. Fatores que caracterizam a língua de sinais, como a topicalização, a descrição detalhada do espaço de produção do discurso – criação do espaço *locus* - e o modo de utilização das estruturas verbais, distanciam a LIBRAS da LP, ocasionando os percentuais pouco elevados de adequações (em vermelho no Gráfico 1) encontrados nas análises. Observamos, ainda, que o surdo categoriza o fenômeno investigado de forma diferente do ouvinte. Uma vez que opta por palavras e expressões com maior valor semântico na sua escrita, não sentindo necessários o emprego de preposições e/ou a utilização de artigos, o sinalizador transfere as estruturas da LIBRAS para a sua escrita em LP. Os expressivos percentuais relativos à omissão (em amarelo) tendem a comprovar essa hipótese. Assim, concluímos que muito da estrutura e do funcionamento da LIBRAS está

presente na escrita dos informantes surdos desse estudo.

Enfim, fator preponderante no que diz respeito à diferença entre a língua de sinais e a língua portuguesa é a distinção de modalidade entre as duas, visto que a LP – Língua Portuguesa - é uma língua oral – auditiva e tem como característica principal a linearidade, enquanto a língua de sinais é espaço-motora-visual, tendo como característica principal a simultaneidade, isto é, LIBRAS é uma língua tridimensional. Assim, buscamos verificar como o surdo manipulou a estrutura selecionada a fim de poder estabelecer relações entre entidades. Observamos, ainda, a importância para o surdo, da aquisição da língua de sinais como língua materna, para que precocemente tenha acesso a uma língua e possa, nela, se desenvolver, adquirindo e produzindo conhecimento. Além disso, a aquisição da escrita da LP é fundamental para que consiga uma melhor inserção junto à comunidade ouvinte.

A modalidade escrita possui uma função comunicativa, mas é uma atividade que muitas vezes ocorre sem que haja um outro interlocutor presente. O interlocutor pode ser potencial e o resultado da escrita pode não ser compartilhado. A escrita envolve reflexão, elaboração, transmissão de pensamentos cuja organização difere daqueles oralmente ou gestualmente veiculados. Um texto escrito molda e lapida o que pensamos e desejamos expressar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSANO, D. EARLY DEVELOPMENT OF NOUNS AND VERBS IN FRENCH: EXPLORING THE INTERFACE BETWEEN LEXICON AND GRAMMAR. **JOURNAL OF CHILD LANGUAGE** V.27, P.521-559, 2000.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **METÁFORAS DE LA VIDA COTIDIANA**. MADRID: CÁTEDRA, 2017.

REINWEIN J.; BASTIEN M. QUELS SONT LES APPORTS DE L'OBSERVATION EN DIRECT ?. **LECTURE, ÉCRITURE ET SURDITÉ : VISIONS ACTUELLES ET NOUVELLES PERSPECTIVES**. MONTRÉAL: LES ÉDITIONS LOGIQUES, 1998.

ROSCH, E. NATURAL CATEGORIES. IN: **COGNITIVE PSYCHOLOGY**. v. 04. 1973. P. 328-350

_____. COGNITIVE REPRESENTATIONS OF SEMANTIC CATEGORIES. IN: **JOURNAL OF EXPERIMENTAL PSYCHOLOGY: GENERAL**. v. 104, n. 03. 1975. P.192-233.